

Defesa espera 13% para agir

As medidas efetivas para evitar excessiva exposição ao sol de trabalhadores submetidos a grande esforço físico só serão adotadas caso a umidade relativa do ar chegue a 13%. Este índice é considerado inaceitável pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que recomenda a suspensão de aulas e alteração da jornada de trabalho para um horário fora do período crítico de 11h00 às 15h00. Por enquanto, a Defesa Civil pretende restringir-se a uma campanha informativa junto à população e encaminhar recomendações aos órgãos e empresas públicas e privadas para impedir prejuízos à saúde das pessoas.

Algumas recomendações já foram feitas à Fundação Educacional, ao Serviço de Limpeza Urbana e empresas particulares, como a substituição da Educação Física nas escolas da rede oficial por atividades no interior das salas de aula e a troca de horários dos garis que varrem a cidade para o período da manhã ou da noite. Todas as embaixadas e representações diplomáticas em Brasília também já estão avisadas e orientadas sobre o problema, para poderem se adaptar à situação que deverá perdurar na região até outubro.

Campanha

Para a próxima semana, o coordenador da Defesa Civil no DF, major Adverse Luís Baby, pretende incrementar campanha publicitária na TV e no rádio para orientar os procedimentos da população e evitar a incidência de doenças. Através das unidades das 13 secretarias de governo integradas na Defesa Civil, serão distribuídas cartilhas para orientar a comunidade a lidar com os problemas apresentados em cada área específica.

A Secretaria de Saúde, no entanto, ainda não preparou o seu manual, apesar de sua orientação ser considerada prioritária, juntamente com a de Educação. A Fundação Hospitalar está lançando esta semana o manual preventivo para doenças sexualmente transmissíveis, e a cartilha sobre os cuidados com a seca só vai ficar pronta em setembro, quando a estiagem já passou da fase crítica, que acontece anualmente em agosto.

Nesta época aumenta a frequência de infecções respiratórias agudas e diarréia entre as crianças de zero a cinco anos.



Os operários da construção civil trabalharam no horário crítico